

# É preciso pensar e reinventar Portugal

Intellectual consagrado internacionalmente, Boaventura lança um ensaio sobre o país. Um contributo para o debate urgente sobre Portugal e uma crítica à passividade do povo

PEDRO CUNHA

São José Almeida

● “Não podemos esquecer que, durante o século XVIII, os barcos que traziam o ouro do Brasil aportavam no porto de Lisboa, mas seguiam muitas vezes para Inglaterra para que a nossa dívida soberana fosse paga. Quem quiser ver paralelos com o que se passa hoje basta substituir barcos por Internet e Inglaterra por credores sem rosto.” (p. 151) Com esta imagem arrancam as conclusões tiradas por Boaventura Sousa Santos na sua obra *Portugal - Ensaio contra a autoflagelação* que agora chega às livrarias, editada pela Almedina.

Este é um livro importante e que fazia falta no momento político e social que se vive em Portugal. Mas que não é absolutamente surpreendente, pois as suas reflexões vêm na sequência do que tem sido o trabalho intelectual e cívico deste homem que, aos 70 anos, é um dos grandes intelectuais e pensadores portugueses, já galardoado este ano com uma bolsa do European Research Council, no valor de 2,4 milhões de euros, para dirigir um projecto de investigação na área da sociologia a nível europeu.

Este *Portugal - Ensaio contra a autoflagelação* surge como uma obra incontornável para um debate que urge fazer sobre o Portugal actual e o futuro. E apela a esse debate e a essa reflexão. Como o autor interpela no Prefácio: “Não obstante o período apinhado de urgências que vivemos, merece a pena reflectir dentro do momento como se ele tivesse janelas e ousar fazer propostas para além das imposições e contra elas. É muito que está em causa.”

Isto porque é preciso quebrar a indiferença anestésiante, alerta Boaventura: “Estamos a assistir ao desenvolvimento do subdesenvolvimento do nosso país e aparentemente assistimos passivamente. Como se isso nos abalasse tanto quanto o recente maremoto do Japão. Como se o país fosse um lugar distante, habitado por gente que conhecemos mal, por quem não temos especial estima e que certamente merece o fardo que lhe cabe carregar. (...) E quase todos flagelam o país, como se as causas da nossa crise financeira não fossem sistémicas e, portanto, em parte, estranhas à nossa acção, por mais desastrada que tenha sido.” (p. 8)



A procura de alimento em contentores de lixo

Boaventura preocupa-se a retratar, assim, o caminho - e as suas circunstâncias - que, desde o século XV, levou o país onde ele se encontra. E a urgência de reconsiderar os pressupostos da organização da sociedade portuguesa, da europeia e da mundial. Uma mudança que não pode ignorar que “vinte e cinco anos mais tarde, e confrontado com a perversidade da facilidade com que se integrou na UE, o país, para sair com dignidade e esperança da crise em que se encontra, deve reinventar o espaço geopolítico da CPLP”. (p. 100)

## Democracia sequestrada

É uma obra de fácil leitura, escrita de uma forma envolvente, que se lê de um sorvo. E mostra a capacidade de criar conceitos e de produzir pensamento de síntese inovador e próprio por parte de um homem que tem um impressionante currículo académico (catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, professor da Faculdade de

Direito da Universidade de Wisconsin-Madison, nos EUA, e da Universidade de Warwick, no Reino Unido). Boaventura faz questão de aliar o saber e a teoria à investigação (director do Centro de Estudos Sociais e do Centro de Documentação 25 de Abril, ambos na Universidade de Coimbra). E também à preocupação cívica (dirige o Observatório Permanente da Justiça Portuguesa e integra o núcleo Democracia, Cidadania e Direito).

Num curtíssimo ensaio (a obra tem 160 páginas), Boaventura desafia as certezas absolutas do *mainstream* político e institucional português e europeu e dos poderes instituídos e fácticos e apela a que os portugueses procurem encontrar um caminho. Até porque, garante Boaventura: “A verdade é que vivemos a hora dos grupos e classes dominantes, cujo poder parece demasiado forte para poder ser desafiado, e nunca tanta força esteve ligada a tanta ausência de projecto. A democracia, que aparentemente controla o seu poder, parece sequestrada

por ele. Vivemos um tempo de explosão da precariedade, obscura concentração da riqueza, empobrecimento das maiorias e incontável perda do valor da força de trabalho.” (p. 152)

Analisando a situação portuguesa no seu percurso e com o seu lastro histórico específico, Boaventura

contextualiza a permanência de Portugal na periferia da Europa, perdida a oportunidade do pós-guerra, que a Itália aproveitou para entrar no grupo do “primeiro mundo”. Portugal perdeu a oportunidade seguinte trazida pela democratização e pela adesão à Europa: “A tentativa socialista estatizante de 1975 foi um risco enorme; por sua vez, a oportunidade dada pela integração não pôde ser plenamente aproveitada, em parte porque os termos da integração não acautelaram nem a agricultura e a pesca portuguesas nem as relações históricas com as ex-colónias.

Por outro lado, os fundos estruturais e de coesão foram desbaratados no que constituiu a história mais secreta da corrupção em Portugal” (pp. 151/152). Conclui Boaventura: “O euro, combinado com a abertura da economia europeia ao mercado mundial, foi a última machadada nas aspirações portuguesas, pois tínhamos têxteis e sapatos para vender, mas não aviões nem comboios de alta velocidade.” (p. 152)

